

20. GANHO DE PESO EM BOVINOS LEITEIROS: COMPARAÇÃO ENTRE PARASITICIDA QUÍMICO CONVENCIONAL, FITOTERÁPICOS E HOMEOPATIA NO CONTROLE DE *R. MICROPLUS*

PAIXÃO, J. L. F.^{1,4}; PRATA, M. C. A.²; FURLONG, J.²; TASSINARI, W. S.³; BITTENCOURT, V. R. E. P.^{3,4}; ANGELO, I. C.^{3,4}

¹ Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais (IFSEMG).

² Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

³ Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCV/UFRRJ).

⁴ Instituto de Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

E-mail: jose.paixao@ifsestmg.edu.br

No Brasil, as perdas causadas pelo *R. microplus* são estimadas em 3,24 bilhões de dólares ao ano (GRISI et al., 2014). O uso de parasiticidas químicos ainda é a principal forma de controle do *R. microplus*, entretanto, o uso indiscriminado e sem critérios técnicos seleciona populações resistentes a quase todas as bases químicas disponíveis (FURLONG et al., 2007). A contaminação do ambiente, do leite, da carne, e a intoxicação de trabalhadores e de consumidores, tornam o controle exclusivamente químico cada vez mais difícil e oneroso. É urgente a validação de métodos mais baratos que diminuam contaminações e retardem a resistência. Estudos sugerem que a homeopatia e a fitoterapia podem reduzir os efeitos negativos do parasitismo, inclusive seus impactos econômicos (MORAIS et al., 2013). O trabalho foi desenvolvido no Campo Experimental de Santa Mônica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, em Valença, Rio de Janeiro; no Laboratório de Parasitologia da Embrapa Gado de Leite, em Juiz de Fora, Minas Gerais; e na Estação Experimental W. O. Neitz, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica, Rio de Janeiro. Participaram 60 fêmeas, ¾ holandês/zebu, a partir de seis meses de idade, pesando entre 100 e 150kg, mantidas em cinco piquetes, com 12 animais cada, plantados com capim *Brachiaria decumbens* naturalmente infestado por larvas de *R. microplus*. Todos os grupos receberam água e sal mineral *ad libitum*, totalizando quatro tratamentos e um controle assim denominados: grupo químico (GQ); grupo eucalipto (GE); grupo neem (GN); grupo homeopatia (GH) e grupo controle (GC). No GQ, após teste de sensibilidade, foram utilizados os princípios ativos *Clorfenvinfós* tópico na diluição comercial e *Ivermectina* subcutâneo, 200mg/kg (FURLONG, 2001). No GE, foram efetuados cinco banhos (aspersão costal) com óleo de *Eucalyptus* glóbulos, a cada 21 dias, de janeiro a abril. No GN, foi disponibilizado, diariamente, torta de neem (*Azadirachta indica*), misturada com sal, na proporção de 80g/2,5kg. No GH, foi utilizado sal mineral homeopatizado, manipulado no laboratório da Embrapa (o produto encontra-se sob sigilo e passível de ser patenteado), disponibilizado *ad libitum*. O GC não recebeu qualquer tipo de tratamento. Procedeu-se à contagem de carrapatos a cada 21 dias, e à pesagem dos animais a cada três meses, por 30 meses. Calculou-se o ganho de peso médio por grupo (GMP) e a média de teleóginas por grupo (MT). As MT, para os grupos GQ, GE, GN,

GH e GC foram, respectivamente: 8,38; 18,66; 11,52; 8,03; e 8,34. Os GMP foram de 223,86kg; 222,70kg; 220,39kg; 253,68kg; e 245,70kg nos grupos GQ, GE, GN, GH e GC, respectivamente. Os resultados mostram que, quanto à MT, GH<GC<GQ<GN<GE. Quanto ao GMP, GN<GE<GQ<GC<GH. Apesar do uso de plantas medicinais e do interesse em suas propriedades antiparasitárias terem aumentado, por representarem uma opção à quimioterapia convencional (MORAIS, 2013), neste experimento, a forma e as dosagens utilizadas, de óleo de *Eucalyptus* glóbulos e torta de neem não se mostraram eficientes, em relação aos outros tratamentos e ao controle. Isto não inviabiliza o uso dessas plantas no controle de ectoparasitos, pois outros estudos *in vitro* demonstraram que os efeitos parasiticidas são influenciados pela forma de uso, dosagem e origem dos fitoterápicos (OLIVO et al., 2008). Outros testes com essas plantas, em outras dosagens, outras fontes, e outras formas de disponibilização são incentivados. O tratamento homeopático mostrou-se mais eficiente que os demais, proporcionando a diminuição da carga parasitária e maior ganho de peso, quando comparado com os demais tratamentos e com o controle. Essas evidências reforçam a afirmativa de que o tratamento homeopático não provoca o extermínio dos parasitos, permitindo uma infestação que não causa prejuízos à saúde dos animais e que permite a rentabilidade aos produtores (MORAIS, 2013). Com base no conceito de que os princípios da homeopatia se aplicam ao restabelecimento do equilíbrio de todo sistema ou ser vivo, pode-se dizer que essa condição de aparente equilíbrio entre parasito e hospedeiro resulta da propriedade do preparado homeopático interferir no sistema de vitalidade que mantém funcionando o organismo vivo (PAIXÃO, 2008). Este experimento confirma a observação de Arenales, Moraes e Moraes (2006), de que o uso da homeopatia pode reduzir as aplicações de quimioterápicos na pecuária, retardando a seleção dos carrapatos resistentes aos tratamentos convencionais. Os números deste experimento permitem inferir que o controle homeopático de *R. microplus* é mais vantajoso que o químico convencional e que os fitoterápicos testados. As vantagens do controle homeopático são: menor preço, ausência de riscos de contaminação de pessoas, de animais e do ambiente, ausência de resíduos, ausência de resistência e redução dos custos de produção (MORAIS, 2013). Além disso, o controle homeopático é de fácil administração, e contribui para o bem-estar animal, por dispensar pulverizadores e contenção. Casali et al. (2013), destacam que a necessidade de mudança de paradigmas em relação ao sistema convencional de produção está consolidando o uso dos preparados homeopáticos. As evidências desta pesquisa podem fornecer uma base científica para esta mudança de paradigma. Os resultados deste trabalho revelam que o controle homeopático de *R. microplus* é mais sustentável que os demais tratamentos testados.

Referências

- ARENALES, M. C.; MORAES, A.; MORAES, F. Evaluation of the use of homeopathic products for the control of parasites and weight in Indian cattle (nelore), in Brazil. In: WORLD BUIATRICS CONGRESS, 24., Nice, 2006. **Anais...** Nice: European College of Bovine Health Management Science, 2006.
- CASALI, V. W. D. et al. **Acologia homeopática e disfunções vitais**. Viçosa: UFV, 2013. p. 11.
- FURLONG, J. **Controle de carrapato, berne e mosca dos chifres**. Viçosa: CPT, 2001. 140 p.
- FURLONG, J. et al. O carrapato dos bovinos e a resistência: temos o que comemorar? **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, ano 27, n. 159, p. 26-32, 2007.

GRISI, L. et al. Reassessment of the potential economic impact of cattle parasites in Brazil. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, Jaboticabal, v. 23, n. 2, p. 150-156, 2014.

LOPES, C. R. et al. Highly diluted medication reduces tissue parasitism and inflammation in mice infected by *Trypanosoma cruzi*. **Homeopathy**, Stuttgart, v. 105, n. 2, p. 186-193, 2016.

MORAIS, P. G. S. et al. A influência da co-evolução bovinos/carrapatos nos métodos de controle e ambiência na bovinocultura. **PUBVET**, Londrina, v. 7, n. 9, 2013.

OLIVO, C. J. et al. Óleo de citronela no controle de carrapato de bovinos. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 38, n. 2, p. 406-410, 2008.

PAIXÃO, J. L. F. **Avaliação de preparados homeopáticos em tiri-rica (*Cyperus rotundus* L.)**. 2008. 40 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

21 USO DE ATROPA BELLADONNA COMO SIMILLIMUM EM UM GATO COM SUSPEITA DE SÍNDROME DE HIPERESTESIA FELINA

AMORIM, A. P. G.¹; SOUZA, M. F. A.¹; BRUM, K. B.¹

¹ Consultório Veterinário São Francisco de Assis.

E-mail: ana.vetcat@gmail.com

A hiperestesia felina é uma síndrome de difícil diagnóstico, cuja causa e patogenia são desconhecidas. Alguns autores atribuem seu desencadeamento a uma convulsão focal, outros a uma hiperinervação dopaminérgica (semelhante à síndrome de Tourette em humanos), a alterações comportamentais (BEAVER, 2003), ou mesmo a problemas dermatológicos, como a dermatite alérgica à picada de pulgas (MOLINER; STEVERS, 2013). A hiperestesia felina se manifesta por perseguição da cauda, lambedura ou mordedura excessiva em região lombar, anal ou caudal, tremulação da pele, espasmos ou fasciculações musculares, vocalização exacerbada, comportamento de correr ou pular incontrolavelmente, possíveis alucinações e midríase (MARIONI-HENRY et al., 2016; MOLINER; STEVERS, 2013). O tratamento inclui medicações anti-inflamatórias, benzodiazepínicos, inibidores seletivos da reuptake da serotonina, anticonvulsivantes e antidepressivos tricíclicos. A síndrome apresenta prognóstico reservado, uma vez que depende da evolução do quadro. Este trabalho foi delineado para devolver equilíbrio a um paciente funcional que vinha sofrendo distúrbios sensoriais. Paciente Margarida, felina, sem raça definida, castrada, quatro anos de idade, de temperamento nervoso e hiperativo, foi consultada em 21 de junho de 2016 pois vinha apresentando comportamento anômalo havia um mês. Assustava-se e saía correndo, buscando esconder-se. Procurava muito as janelas durante as crises. Mostrava-se incomodada, agitada, mexia as orelhas, bigodes, lambia patas, dorso, apresentava muitos rolamentos da musculatura dorsal, como se estivesse sendo cutucada, saía correndo e se escondia. Nesses momentos, ficava mais agressiva. A proprietária relatou não ter percebido nada que pudesse ter desencadeado as crises. Nos três dias anteriores à consulta, estava apresentado os sintomas continuamente, ficando muito tempo escondida. Tinha ciúmes da mãe da tutora, que era a única pessoa que podia tocá-la, porém, ultimamente, mostrava-se arredia também com a tutora. Na anamnese, foi relatado que a gata sempre teve temperamento irritadiço, era tensa, assustava-se com barulhos ou com pessoas estranhas, não gostava de ser tocada, bebia muita água, chegando a pedir para abrirem as torneiras. Repertorização: inquietação, crianças, hiperativas; impulso, fugir, correr; desejo, esconder; ciúme, ciumento, invejoso; aversão, tocado, ser. Prescreveu-se *Belladonna* 30cH, duas gotas uma

vez ao dia (SID), por três dias. Após a terceira dose, mostrou-se mais relaxada, dormindo mais. Os episódios diminuíram em frequência e intensidade. Procedeu-se para a administração semanal, sendo notada mais calma e tolerância com os outros membros da família, inclusive com outros animais. Nunca mais se escondeu. Após aproximadamente um mês, durante um período muito frio, que se estendeu por quatro dias, ela apresentou uma recidiva dos sintomas, porém mais brandos que no início do tratamento. Os sintomas foram reduzidos conforme a temperatura aumentou. Em razão deste fato, a proprietária lembrou-se que, na época do início da crise, o tempo estava frio. No dia 20 de outubro de 2016, houve uma tempestade e ela voltou a apresentar as crises, sendo prescrita *Belladonna* 200cH no dia 25 de outubro de 2016, duas gotas em dose única. Os sintomas diminuíram gradativamente e a gata foi ficando cada vez mais mansa e relaxada. Atualmente, convive bem com os demais gatos e humanos da casa, mantendo-se sem medicação. O medicamento utilizado, *Belladonna*, é uma planta da família das Solanáceas, que apresenta um quadro de delírio violento, raivoso, selvagem, maníaco, geralmente acompanhado de alucinações. À experimentação, apresenta sintomas mentais como: “Não reconhece seus familiares”, “Quer escapar correndo ou salta por uma janela, ou da cama, ou ainda se esconde”, “grande ansiedade, ela não tem paz em nenhum lugar, sente como se devesse fugir”. “Todos os seus movimentos eram de um caráter rápido”. “A consciência desaparece, ele não reconhece mais seus arredores e começa a delirar”. “A menor bagatela o provoca e o irrita; ele está insatisfeito com tudo”, “ansiedade, angústia, tremor, inquietação constante; geme, grito e choro, especialmente a tarde e à noite”. Fúria durante a cefaleia. Fúria que leva a atos de violência. Amor a solidão, aversão a sociedade e desgosto pela conversação. Não inclinado a falar, “ele deseja solidão e estar quieto; todo o barulho e visitas dos outros são desagradáveis para ele”. Humor extremamente irritável e sensível, com inclinação a proferir uma linguagem ofensiva e a golpear. Raiva, “o menino não conhece seus pais”. Segundo Vijnovsky (1989), são ainda sintomas de *Belladonna*: grande sede de água fria; espasmos, sacudidas e contrações espásticas. Piora com mudanças de tempo; pelo frio; pelo tato; pelo menor contato; pela luz brilhante; descobrindo-se ou por correntes de ar; pelo movimento e pelo ruído. Melhora coberto e com a cabeça elevada; melhor semireto; pelo repouso; por aplicações frias; em habitação quente. Todos os sentidos estão aguçados, grande irritabilidade e impressionabilidade dos sentidos. Os sintomas relatados são condizentes com a síndrome da hiperestesia felina e com o quadro apresentado pela paciente. Houve melhora rápida e progressiva, sem agravação, condizente com a 4ª observação prognóstica de Kent (1926). A paciente apresentou recidiva em situações de mudança de tempo, o que reforçou a escolha do medicamento. Vale ressaltar que, segundo o levantamento efetuado por Marioni-Henry et al. (2016), o tratamento convencional apresentou respostas inconsistentes nos 13 animais submetidos ao estudo, sendo que a maioria dos casos recebeu uma combinação de duas ou mais drogas. Samuel Hahnemann (2008) refere que a mais elevada e única missão do médico é tornar saudáveis as pessoas doentes, o que se chama curar. No caso em questão, a paciente vinha apresentando sintomas que a impediam de desfrutar uma vida tranquila e feliz ao lado de seus tutores. O uso da homeopatia permitiu o estabelecimento de um estado de tranquilidade e bem viver.

Referências

BEAVER, B. V. **Comportamento felino: um guia para veterinários**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003. p. 353-354.